

DL - 19 1978 376107

UNIVERSIDADE DO MINHO

PROJECTO DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS

CURSO
SOBRE
EDUCAÇÃO DE ADULTOS

REALIZADO ENTRE
26 DE JANEIRO E 16 DE ABRIL DE 1978

COORDENAÇÃO E APRESENTAÇÃO

DE

MARIA JOSÉ DE GUSMÃO
e A. J. GOMES MARQUES



BRAGA • 1978

A EDUCAÇÃO DE ADULTOS
EM COMUNIDADES RURAIS
— ACTIVIDADES
COMUNITÁRIAS

PROFESSOR DOUTOR M. VIEGAS
GUERREIRO
Universidade de Lisboa

Está a Universidade do Minho a realizar um *Curso sobre Educação de Adultos* e para ele pediu a colaboração de um estudioso de Etnologia. Nenhuma solicitação mais justificada em projecto de acção cultural, dado que é o estudo das culturas o objecto da referida disciplina. É certo que no caso vertente esta ciência tem de voltar-se para problemas de aplicação e seu processo ordinário tem sido a investigação pura, desinteressada; mas de uma defeituosa ética científica nos temos vindo a afastar e são hoje múltiplos os exemplos da participação proveitosa de etnólogos em empresas de feição utilitária. O que pode acontecer, e talvez aconteça, é não ter sido feliz a escolha, mas disso a culpa não é toda minha.

Penso que o campo de trabalho dos futuros educadores de adultos vão ser as pequenas comunidades rurais, o que, aliás, se entende, uma vez que são estes os grupos sociais mais carecidos de desenvolvimento. E nesse sentido parece oportuno que as definamos em seus traços peculiares. Conjuguemos, neste ponto, as lições de Robert Redfield e Jorge Dias, com alguma experiência nossa¹.

¹ Que tipo de relação conseguiu o Doutor Viegas Guerreiro estabelecer com as comunidades que estudou de maneira a estas o aceitarem como alguém que as estava a estudar? (Grupo 2).

Resposta: Quanto ao processo da minha integração nessas pequenas comunidades africanas ou nacionais esta fez-se através do meu interesse pela vida material, pelo conhecimento do nome das coisas, pelo conhecimento das actividades concretas. Gostavam que alguém se interessasse pela sua linguagem e pelas suas actividades. Os primeiros tempos consistem em conversarmos sem tomar notas, sem levar papéis, sem nos ocuparmos de matéria que tenha relação com impostos e com contribuições, pois sempre se supõe que as pessoas vão recolher dados para mais tarde se vir a pagar uma contribuição mais alta. De modo que há sempre uma desconfiança e como, em regra, se fazem perguntas e não se manifesta muito interesse e admiração pelos costumes das pessoas com quem se contacta, esse convívio que não se insere na sua vida é aceite com desconfiança. É sobretudo necessária uma atitude de humildade, ouvir mais do que falar. Devemos ser mais alunos que professores.

Por pequena comunidade rural deve entender-se um grupo de pessoas «que compartilham um território bem definido» e com forte consciência de sua unidade económica e social. Estão ligadas por laços de vizinhança e parentesco que promovem convívio mais ou menos íntimo. Percebem o mundo de modo análogo e têm, em geral, comportamento semelhante¹. Possuem relativa autosuficiência económica, o que não quer dizer que possam subsistir por si; mantêm com os centros urbanos relações de dependência e entenda-se isto no seu exacto sentido: são realidades complementares, que não têm existência separada. Não possuem autonomia política, administrativa e religiosa, ainda que, onde existem formas de vida comunitária, tenham algum poder de decisão. Em algumas povoações é viva a desconfiança que manifestam em relação às populações urbanas, que as humilham e às quais se sentem inferiores, por um mal fundado juízo comparativo. «É mais assinalável seu individualismo, traduzido em isolamento económico, invejas, rivalidades, disputas mesquinhas de bens materiais do que as manifestações de auxílio mútuo»ⁱⁱ, e isto até em aldeias onde vigoram ainda algumas práticas comunitárias. E a este ponto regressaremos com mais demora.

¹ Ver Jorge Dias — *Ensaio Etnológico*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1961, p. 39.

ⁱⁱ A lição do Professor Viegas Guerreiro foi muito apreciada pelo Grupo. Nela, caracterizam-se realisticamente, na nossa opinião, as comunidades rurais. Por vezes a aguarela, nas cores, aparece um tudo nada carregada. Embora existam defeitos nas comunidades aldeãs e serranas, o certo é que apresentam, talvez, menos defeitos que as comunidades urbanas. As invejas, rivalidades e disputas mesquinhas referidas não são exclusivo das populações rurais. Nas cidades, elas também existem, mas, neste caso, geralmente estes defeitos sociais escondem-se no termo «bairrismo». Não será axacta esta observação? (Grupo 3).

Resposta: Quanto ao problema de comunidades rurais e comunidades urbanas eu não estava a pensar nas comunidades urbanas, porque considero que as não devemos separar assim das rurais. A cidade e o campo não são entidades em oposição, uma é o prolongamento da outra. Existe a cidade, porque existe o campo, não existe uma coisa sem a outra. Pode existir o campo sem a cidade, a cidade é que não pode existir sem o campo, porque é o resultado do desenvolvimento do campo.

Quanto às «aguarelas carregadas», eu não gostava de as carregar, mas, no convívio íntimo com as pessoas, vou-me apercebendo de todos esses defeitos e até de outros que aqui não nomeio. Por exemplo, o pouco apreço pelas belezas e vida livre da Natureza. Não entendem a natureza a não ser para produzir riqueza, a não ser para produzir benefícios materiais. A fauna ou a flora que não tenha proveito não se considera como fazendo falta. Parece-lhes uma tolice estar a desprezar os benefícios materiais que a Natureza pode dar. E aqui ocorre lembrar que o mesmo espírito quando existente em populações altamente industrializadas pode levar à destruição da própria fecundidade da Natureza.

As relações com a gente de lugares vizinhos não são sempre as melhores². A hostilidade antiga, que dava para batalhas campais, sucedeu sensível rivalidade, que hoje se objectiva em amplas disputas verbais, sobre importâncias que uns a si dão e aos outros retiram e que às vezes redundam em conflitos mais graves.

Não é, de todo, edificante o quadro que acabamos de traçar, mas cuidamos que exacto. Esta a realidade sócio-económica em que o educador vai agir, e ainda há-de ter em conta outros princípios gerais. O mais importante de todos é talvez este, que o alemão Possinger, especialista em extensionismo rural, enuncia do seguinte modo: «O homem do campo deve ser considerado sujeito e não objecto de uma política de desenvolvimento»³ e M. Gomes Guerreiro, mestre de Ecologia e também ele entendido e interessado em problemas de extensionismo agrário, formula assim: «Até hoje tem-se insistido em criar um serviço de cúpula, teoricamente tecnicista, mas divorciado de interesses e problemas reais do pequeno e médio agricultor ou seja do trabalhador rural, elemento que deveria constituir sempre, em política agrícola, a medida de todas as coisas»⁴. «Serviço de cúpula teoricamente tecnicista», e que perigo não acarretará, então, se, sobre isso, for de matriz estrangeira, de todo divorciado de nossas realidades? Temos, efectivamente, de partir do nosso camponês, de saber o que quer, o porquê, como e para quê. E elimine-se de uma vez para sempre o erro grosseiro de supor que o homem do campo ou da serra é um ser mentalmente inferior, incapaz de perfeito raciocínio, atido a práticas rotineiras e absurdas. Oiço ainda uma minha aluna, desencovada da cidade, de onde pouco tinha saído, exclamar com profundo desânimo, depois de breve troca de palavras com algumas saloias: «Ó senhor Dr., esta gente é muito estúpida». Algum tempo de convívio bastará para suprimir radicalmente tão feio e falso modo de julgar. Há-de ver-se que o camponês muito sabe e que com ele muito temos que aprender, que é ao encontro de suas ideias, sentimentos e vontade que temos de ir, se lhe quisermos ser úteis. É em função de si, repita-se, que devemos agir. Se o não fizermos, correremos o risco de lhe levar mercadoria que não compra, ideias que não entende, práticas que não segue. E com o perigo de o despersonalizar, de lhe roubar valores próprios sem deixar outros que lhe

² Cfr. M. Viegas Guerreiro — «O papel da Antropologia Social na execução de programas de desenvolvimento rural», separata do livro *Primeiro Seminário Univesitário de Évora. Extensão Rural*. Évora, 1974, p. 3.

³ Citação de M. Gomes Guerreiro, «Metodologia e Filosofia da Extensão Rural. Dificuldades de actuação do extensionista», artigo publicado no jornal *República*, de 11 de Outubro de 1974, p. 2.

⁴ Idem, *ibidem*.

convenham, de lhe destruir a tranquilidade, de o perder, cuidando que se salva. A este ponto vem contar a fábula do macaco e do peixe, que lemos em Foster⁵:

«Uma vez, em tempos idos, um macaco e um peixe foram arrastados por revolta corrente. O macaco, ágil e experimentado, teve a sorte de poder subir a uma árvore, onde ficou seguro. Ao olhar de cima para as águas embravecidas, lobrigou o peixe, que lutava com a corrente. Movido por humanitário desejo de ajudar o desafortunado companheiro, estendeu-lhe a mão e tirou-o da água. Foi, porém, grande sua surpresa, ao ver que o peixe de modo nenhum lhe agradecia o favor».

As culturas só assimilam o que está de acordo com seus ideais básicos, sendo inútil levar-lhes o que nelas não tem lugarⁱⁱⁱ. De mais de um insucesso é responsável este desencontro. Todos temos presente o malogro das últimas campanhas de dinamização cultural e alfabetização: conteúdo inadequado, tempo inoportuno, linguagem incompreensível. E este último mal parece sem remédio, já que emissoras e televisão se não querem curar dele^{iv}. Não significa isto que

⁵ George M. Foster — *Las Culturas Tradicionales y los Cambios Técnicos*. México-Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1964, p. 13.

ⁱⁱⁱ Perguntamos se as afirmações feitas pelo Professor Viegas Guerreiro «o homem considerado como sujeito e não como objecto» «as populações rurais têm uma sabedoria e tradição, uma cultura própria» estão na linha do desenvolvimento integral da personalidade humana, e se entende que o educador de adultos deve integrar-se o mais possível nas populações a estudar? (Grupo 1).

Resposta: Com isto não se quer dizer que numa campanha de educação de adultos não se pratiquem inovações e não se apresentem ideias novas, por exemplo, técnicas de maior produção. Em todo o caso, o que é necessário é que se parta da realidade onde se trabalha e que em função dela se apliquem. É necessário procurar, com jeito, que eles aceitem aquilo que lhes é útil, as novidades que lhes apresentam, mas de modo que as insiram na sua cultura, as insiram na sua forma de ver o mundo. É necessário que os elementos da cultura que lhes são transmitidos se integrem em seus ideais básicos, no seu mundo, de modo que se configurem e tomem uma feição que possa ser aceite e não os perturbe e não os desintegre da sua cultura.

Um certo jeito, uma certa forma de os fazer acreditar nos seus valores e na sua sabedoria, é ponto de partida para fazer com eles alguma coisa.

^{iv} Qual o impacto da televisão nas comunidades que estudou (Grupo 2).

Resposta: Há um facto real que é apontado pelo inglês Hogarth que é a pouca influência que tem a doutrina no espírito das populações que a ouvem. O que se lê e o que se vê é para aliviar do trabalho, é para descanso, é para diversão e não se transfere essa distração para o domínio da prática. Há como que uma doutrinação que se perde, porque ela apenas serviu para distrair.

se não apregoem ideias novas, novas formas de comportamento, técnicas mais produtivas, mas tudo há-de fazer-se com conta, peso e medida, e à semelhança do enxertador ou do médico, que têm de agir, um, em conformidade com a árvore que enxerta, outro, com o corpo que cura. E perdoe-se-me esta insistência no mesmo conceito, que tenho por fundamental.

Lembremo-nos também de que os meios rurais são acentuadamente conservadores, resistentes a mudanças^v. Toda a aventura tem seus riscos e não querem corrê-los.

Ponha-se igualmente de parte a ideia romântica de um povo simples, ingénuo, bondoso; não faltam nele complexidade espiritual e os defeitos humanos, como é óbvio. E convém assinalar o que se me afigura maior, típico dos meios pequenos, em que todos têm os olhos em todos: o da inveja. Camões escrevia dela:

.....
Que nunca tirará alheia inveja
O bem que outrem merece e o Céu deseja.

(Canto I, est. 39).

Partamos, pois, com este cabedal de ideias e cautelas para uma campanha de educação de adultos. Queremos que suas aptidões se desenvolvam, que aumente a sabedoria, sua competência profissional, por outras palavras, contribuir para sua formação integral, a um tempo voltados para as qualidades de espírito e habilidades técnicas. E é ocasião de dizer-se que o acervo de normas, que instituições especializadas têm definido, propende excessivamente para progresso

^v O Professor Viegas Guerreiro caracteriza os rurais como conservadores? Serão assim tão conservadores? Note-se, por exemplo, o fenómeno político do Alentejo. Parece-nos que as pessoas são conservadoras ou não indistintamente da sua radicação no campo ou na cidade. Não será assim? O que os rurais são é mais cépticos do que os da cidade mercê da colonização que os segundos fazem sobre os primeiros (Grupo 3).

Resposta: O conservantismo rural a que me refiro corresponde a uma desconfiança que eles têm em relação a toda a mudança. Claro, que esse conservantismo é próprio de todas as populações, mas especialmente daquelas que receiam perder o que têm, às vezes adquirido com muitos trabalhos e canseiras. Portanto, uma mudança que ponha isso em risco aflige-os. Este conservantismo é muito vivo nas populações rurais, porque me parece, repito, corresponder a uma defesa do pão para a boca e ao medo de que lhes falte por causa de qualquer modificação no seu modo de vida. É sempre com dificuldade que qualquer inovação se aceita, e nunca se deveria introduzir sem uma experiência piloto ao lado para que as pessoas vejam o que é que aconteceu ali para depois transferirem para a sua casa aquilo que viram ter sucesso.

técnico, melhoria económica, relegado o *homem* para plano secundário, com o perigo de o desumanizar, de o utilizar como um entre outros instrumentos de produção. Está muito presente o «nível de vida» e pouco o «género de vida». Isso entende-se, infelizmente. Tanto nos deixamos atrasar na corrida para o crescimento industrial, que os estrangeiros, que elaboram tais programas de acção, mal têm tempo de se debruçar sobre nossas carências, se outras razões mais feias não estão em seu procedimento. O assombroso progresso tecnológico também os tem desviado, a eles, da verdadeira arte de viver, se desgraça maior não estiverem a preparar com sua depredadora exploração da natureza.

Mas entremos em matéria mais concreta. Que vamos ensinar, então, à gente das nossas aldeias? Ponho aqui já os seguintes domínios:

- Alfabetização;
- Técnicas de exploração agrícola;
- Noções práticas de higiene e medicina;
- Noções elementares sobre o mundo físico em que vivemos e o universo de que faz parte.

E tudo acomodado a suas necessidades, rigorosa e minuciosamente programado.

E ajudemo-la, além disso, a tomar consciência de seus próprios valores, que com tanta frequência subestima e apouca.

Um outro domínio capital para que tem de voltar-se a acção educativa é o da entreaajuda, o da actividade comunitária, força moral e material sem a qual se não poderiam constituir grupos humanos, motivo de ser do homem, que em nenhuma circunstância se faz a si mesmo. Demos a este ponto especial atenção.

Que comunitarismo é o nosso^{vi}, como é possível ampliá-lo utilmente, revitalizando formas tradicionais, deixando extinguir outras, que não podem mais

^{vi} Dada a confusão que existe, hoje em dia, à volta dos termos comunal-comunalismo-comunitarismo, eu gostava de pedir ao Professor Viegas Guerreiro um breve esclarecimento sobre o significado destes termos (Dr.^a M. J. Gusmão — Grupo Técnico).

Resposta: Eu naturalmente não poderei explicar completamente estes termos, mas vou acrescentar outro que me parece faltar aqui — comunismo, pois é palavra que aparece na língua escrita no princípio do século e esta hesitação nas designações resultou de que comunismo passou a representar ou titular uma ideologia política. Os autores começaram a ter receio de escrever a palavra comunismo. O Doutor Leite de Vasconcelos nos apontamentos que me deixou e de que me ocupo começa por escrever comunismo em 1901, mais ou menos, e depois vai transitando para comunitarismo para evitar toda a confusão com a ideologia

viver, propondo novas de que possa vir proveito?^{vii} Propriedade colectiva dos meios de produção, ausência total de propriedade privada, repartição igual de quanto a terra dá, com esforço ou sem ele, de modo que tudo seja de todos, não é o comunitarismo que temos, nem provavelmente o tivemos. De sociedades destas nos conta a lenda da idade de ouro e as representam utopias de filósofos, como Platão e Thomás Moro. E viveram possivelmente assim comunidades de Essénios, antes de Cristo, e algumas ordens monásticas. E, modernamente, têm-se ensaiado, sobretudo nos Estados Unidos, estruturas sociais idênticas de inspiração religiosa ou laica, mas à margem da sociedade civil, com discutível êxito.

Mas tornemos ao que existe entre nós. Encontramos ainda, como propriedade colectiva, terras de sementeira, lameiros, pastagens de montanha, manchas de floresta, eiras, moinhos, fornos, lagares, forjas, águas de rega, bois e berrões do povo e máquinas agrícolas. Moinhos e lagares são, em sua maior parte, de herdeiros, quer dizer, associaram-se 5 ou 6 vizinhos para construir o edifício, depois, herdaram os filhos o direito de moer, num tempo proporcional à fracção

propriamente dita. Em todo o caso, é um termo que rigorosamente não está mal, a palavra comunismo traduz uma ideia de utilização em comum, trabalho em comum que não se desajustaria desta realidade a que se aplica. Hoje, para evitar a conotação política usa-se mais comunitarismo.

As palavras comunal e comunalismo ainda são as que emprega, por exemplo, Rocha Peixoto num estudo feito, talvez o primeiro sobre este tema, intitulado «Formas da Vida Comunalista em Portugal». Com a expressão «vida comunalista» queria traduzir a ideia de uma associação de entre-ajuda que ele considerava como estando na origem de uma felicidade dos homens que se perdeu, e é com saudade que ele evoca, no fim desse artigo, esse comunitarismo original que tornava os povos felizes.

Quanto à distinção entre comunal, comunalismo e comunitarismo, no domínio dos textos que eu conheço, confesso que não encontro distinção a não ser o uso inicial da palavra comunismo, depois comunalismo e finalmente comunitarismo.

^{vii} Qual a metodologia, ou metodologias, a utilizar para se conseguir revitalizar as formas tradicionais que forem de manter? (Grupo 2).

Resposta: Quanto à metodologia para as revitalizar, é um problema técnico. Isso implica uma preparação de pessoas que para determinados domínios estejam preparadas tecnicamente, que conheçam a matéria de que se vão ocupar e que vejam em que medida é que ela é ou não é susceptível de trazer benefícios. É verdade que há práticas comunitárias que não poderão subsistir, porque não têm muito sentido no tempo presente e que naturalmente irão vivendo enquanto estiverem em função no conjunto a que pertencem. No dia em que deixarem de ter função fossilizam-se, deixam de viver. Isto está em conformidade com a preparação, com o estudo técnico, com o estudo científico das condições de vida que existem no domínio material. Não é menos importante que as pessoas se analisem e que tenham em conta a atitude que têm em face do seu semelhante, em face da vida que os rodeia.

paterna, direito que podem vender a estranhos; não são, portanto, bens totalmente comunais. Trabalho agrícola colectivo que empregue representantes de todas as casas, com distribuição igualitária de colheitas só o dos lameiros de Rio de Onor, no concelho de Bragança, cujos fenos se distribuem em partes iguais pelos vizinhos. Roçadas de centeio de todos e para todos são aí raras e já acabaram em outras partes. Os pastos são comuns, neles podem os vizinhos apascentar livremente sua «fazenda». Constituem-se rebanhos, a que chamamos comuns, só porque a porção de cabras, ovelhas e vacas de cada um vai a pastar com a dos outros. É a *vezeira da rês* ou *das vacas*, porque de cada casa sai, à vez, o pastor que as há-de guiar. Há uma reciprocidade no trabalho, mas um benefício privado, um dou hoje e recebo amanhã, um toma lá, dá cá, *do ut des*, para usar da frase axiomática latina. É, aliás, esta cooperação o que caracteriza o nosso regime colectivo: «trabalhos gratuitos e recíprocos», na exacta expressão de Veiga de Oliveira. E eles são vários, muitos, sem fim, se tivermos em conta todas as situações em que um auxílio se pode prestar no âmbito da vida material e espiritual. É a *entreaajuda* de que se fala. Semeiam-se batatas e se os da casa não chegam para as sementar, pede-se ajuda de vizinhos; no colher é então forçoso recorrer a ela. Carreia-se o estrume para os campos e aí vai o vizinho ajudar com seu carro; e na sega do cereal faz, então, falta muita gente. E o mesmo sucede com as fainas do milho, a sega e carreio dos fenos, vindimas, fabrico da eira, malhar do centeio.

Vizinhos juntos a trabalhar para o bem comum vêm-se no amanho de edifícios do povo, de igrejas, de caminhos, de muros, de pontes, na limpeza de poças e regueiros. Auxílio alheio requiere-se a cada passo, quando o serviço aperta, qualquer que ele seja, e com frequência se observa no empréstimo de alfaia agrícola. E ninguém ousa negá-lo, nem isso chegará a pensar-se, tanta é a falta que todos têm um dos outros. E o socorro alarga-se em ocasiões de angústia, se a casa arde, a vaca morre ou outra desgraça acontece. Instinto gregário, bondade natural, amor do próximo como de si mesmo, isso só, não, mas um pouco de tudo e principalmente o instinto de conservação, de sobrevivência, a certeza, que nem carece de ser consciente, porque a forjaram milénios de experiência, de que não podem passar uns sem outros, a de que *filho és, pai serás* ... Enunciámos aspectos gerais de vida comunitária rural portuguesa. Mas particularizemos a notícia, embora sumariamente. Sirva aqui a resenha que do assunto dá Jorge Dias na sua bela monografia de *Rio de Onor*, a pp. 19-21. Pastos e rebanhos comuns temo-los nas serras do Soajo, Cabreira, Amarela, Gerês, Peneda e Larouco. No planalto barrosão há pastos comuns, vezeiras, lamas do boi, fornos e moinhos. No Marão do mesmo modo rebanhos e moinhos. Na terra fria de Bragança, no concelho de Vinhais, existem baldios e vezeiras, fornos, moinhos, lagares. Para sul, no Montemuro, Marofa, Sabugal, Estrela, Lousã, vêm-se rebanhos do povo a pastar em baldios. Em Serpa e Barrancos subsistem terrenos de compáscuo, embora em propriedades particulares, e na serra do Caldeirão, no

Algarve, eram frequentes as cabradas (e ainda neste ano de 1978 vi uma bem grande, entre Cachopo e Martim Longo).

Ocorre perguntar que esperança de vida têm tais práticas comunitárias ainda vivas em território português. Arredemos, desde já, uma ideia corrente entre os estudiosos desta matéria, a de que estamos em presença de restos, de vestígios, de sobrevivências arcaicas, de fenómenos anacrónicos, testemunho de modos de vida agora decadentes, degradados. Nada do que existe, porque existe, está fora do seu tempo; e, se desempenha uma função como elemento de um complexo, não está a mais nem a menos, é tão vivo como os outros traços vivos da cultura. E neste sentido, como falar então de restos, de vestígios? Isto e mais decadência, degradação são falsos conceitos que, hoje, até ofendem a moderna ciência antropológica. Lá onde tais fenómenos se observam, eles se explicam pelo circunstancialismo que os cria. Que muitos deles estão em vias de desaparecer, isso é verdade. E porquê? Emigração interna e externa, desenvolvimento industrial e sua concentração nos meios urbanos, mecanização da agricultura, facilidade de comunicações que favorecem o trânsito de pessoas e mercadorias, trouxeram ao camponês um aumento de riqueza e capitalização em numerário que lhe permitem dispensar grandemente a ajuda vicinal, a troca de serviços. Em muitos lugares, em vez dela, paga-se salário a quem trabalha e tão longe vai o uso do dinheiro que até o filho recebe a sua mensalidade. Mas isto não equivale a dizer que esteja à vista a extinção de todas as actividades colectivistas. Há as que esta relativa independência económica não pode suprimir; está neste caso, por exemplo, o pastoreio em comum da rês e das vacas.

Na cobiça de riqueza o camponês perde mesmo o sentido do que lhe convém, ou do que à comunidade virá a convir. Cega-o o interesse imediato e nem o futuro dos filhos acautela. É a *auri sacra fames* com que se nasce e se há-de morrer.

Onde há homens há cobiça,
Cá e lá tudo ela empeça ...

no dizer de Sá de Miranda (*Carta ao Senhor de Basto*). Gil Vicente, caracterizando o homem vulgar, egoísta, ambicioso, escrevia (*Auto da Lusitânia*):

Eu ey nome Todo o Mundo
E meu tempo todo inteiro
Sempre é buscar dinheiro
E sempre nisto me fundo.

E Santo Agostinho comentava, com amargura: «Os homens só se ocupam do seu ventre».

Estão a ponto de desaparecer alguns costumes comunialistas^{viii}, dissemos, mas ao passo que isso é desejável e mesmo imperioso em relação a alguns deles, outros há, que, a todo o custo devíamos preservar. Damos um exemplo: estão a dividir-se bosques de carvalhos. Pode cada um dos novos donos tratar melhor do que é seu, argumentam. E não querem ver que depois da morte a courela se reparte pelos filhos, a cada um dos quais cabe uma porção que quase não tem utilidade. Tomar-se-á, então, uma de duas decisões: ou um deles compra as partes dos outros ou as vendem a estranhos. E deste modo se vão agrupando courelas que, a longo prazo, são de poucos, não podendo mais aquecer-se com lenha delas os vizinhos mais pobres do lugar. E ainda com o perigo de não servir para ninguém o antigo baldio, se os proprietários, por ricos ou ausentes, o deixarem de explorar. O *meu* e o *teu* aí ficam a impedir a fruição de estranhos.

Neste, como em outros casos, pode ser benéfica a intervenção esclarecida e esclarecedora do educador de adultos, embora bem saibamos que a boas palavras não se seguem logo boas obras; não cairão, no entanto, em cesto roto. Tudo está em agir com prudência, com sabedoria, e as noções, que aqui se deixam, ajudarão, de certo, a alcançar algum êxito. Um dos sectores, no âmbito do auxílio mútuo, em que essa acção se poderá exercer com provável sucesso será, por exemplo, o da formação de cooperativas agrícolas. Mas deste tema se há-de ocupar desenvolvidamente a minha colega Carminda Cavaco.

E, a modo de remate, só isto: o trabalho que espera os futuros obreiros deste empreendimento é de alta qualidade e se não carece, em absoluto, de ser voluntário, desinteressado, exige, pelo menos, vocação, dedicação, generosidade. E quem não for capaz disso, quem aqui chegar com outros propósitos, desista do ofício, que de outro modo só de estorvo pode servir.

^{viii} É um facto que muitos indicadores e práticas de vida comunitária estão a desaparecer, porém, outros fenómenos de vida comunitária pelos mesmos motivos apresentados na lição também estão a aparecer e a reaparecer. Por exemplo, a agricultura de grupo, o reaparelamento das vezeiras e das mútuas de gado, etc. Não será de admitir que o sentido da vida comunitária se evidencia de acordo com os problemas e necessidades das comunidades? (Grupo 3).

Resposta: Isto exigiria uma análise circunstancial e local.